PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES NA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS AUTISTAS

Ana Paula dos Santos Dias. Faculdade de Pedagogia. Universidade Federal do Pará. Castanhal-Pa. Brasil. E-mail: ana.dias@Castanhal.ufpa.br

Orientadora: Geise do Socorro Lima Gomes**.** Faculdade de Pedagogia. Universidade Federal do Pará.

Castanhal-Pa. Brasil. E-mail: geise@ufpa.br

Resumo

O estudo teve como objetivo compreender como tem sido a inclusão de crianças autistas na educação infantil a partir da perspectiva dos professores, utilizando a ética psicanalítica como base para as discussões. Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa e em perspectiva exploratória, com dados coletados a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com 4 (quatro) professoras da educação infantil. Foram obtidas informações que permitiram compreender as percepções dos participantes sobre a inclusão de crianças autistas na educação infantil. Verificou-se que há um consenso entre as professoras sobre a importância da inclusão escolar, porém apontam sentimento de insegurança para trabalhar com crianças autistas. Embora haja um esforço na prática pedagógica, existem grandes dificuldades em lidar com as demandas cotidianas, que exigem um ensino mais individualizado. Destacam-se desafios como a adaptação do plano de aula, a falta de profissionais de apoio e de materiais pedagógicos adaptados, além de um suporte institucional mais abrangente. Além disso, há dificuldades em estimular o interesse das crianças autistas pelas atividades cotidianas, bem como sua socialização e comunicação. Conclui-se com a sugestão de que futuras pesquisas aprofundem as práticas pedagógicas inclusivas a partir do viés psicanalítico, abordagem ainda pouco explorada no contexto da inclusão escolar. Assim, a psicanálise oferece ferramentas para compreender a singularidade de cada criança autista. Estudos futuros podem investigar a aplicação de conceitos psicanalíticos na criação de materiais pedagógicos adaptados e na análise das relações entre escola, família e criança, enriquecendo o processo de inclusão.

Palavras-Chave: Inclusão escolar. Autismo. Psicanálise. Educação infantil.[1]

Introdução

A motivação para este estudo surgiu a partir de debates sobre a presença cada vez maior de crianças autistas nas salas de aula. O que tem sido observado é que professores ainda não sabem como incluí-las no ambiente escolar, por possuírem uma conscientização e preparação limitadas para práticas inclusivas.

Em uma perspectiva individual, a motivação para esta pesquisa reside da experiência

[1] Este artigo é oriundo do TCC intitulado "Percepções dos Professores na Inclusão Escolar de Crianças Autistas", orientado pela Profa. Dra. Geise do Socorro Lima Gomes e defendido em abr./2025

durante os estágios obrigatórios e das conversas com outros professores, nas quais foi possível observar alguns desafios enfrentados na inclusão das crianças autistas. Além disso, ao vivenciar a entrada de um familiar que é autista no ensino regular e acompanhar seus avanços, tornou-se evidente a importância desse ambiente para o desenvolvimento do aluno com autismo e no quanto podem progredir com medidas inclusivas mais eficazes.

O autismo, no âmbito médico, é uma condição que interfere no desenvolvimento infantil, afetando a interação, socialização, comunicação e imaginação, sendo identificado nos primeiros anos de vida (Silva, 2017). Apresenta-se entre as principais características do autismo perturbações no ritmo de habilidades físicas, sociais e linguísticas, reações anormais às sensações e alterações na percepção sensorial e na coordenação motora (Alves; Lisboa; Lisboa, 2010).

Na concepção de alguns autores da psicanálise de inspiração lacaniana como Kupfer, Laznik, Jerusalinsky, o autismo é uma consequência da falha no processo de construção do sujeito do inconsciente, formado pelas trocas com outro, através do campo da palavra e da linguagem (Kupfer, 2010).

Nesse sentido, para a psicanálise a educação é uma forma de tratamento, que permite que o aluno tenha acesso ao campo da palavra e assim constitua o sujeito que ainda não emergiu ou dê continuidade a esse processo que foi interrompido e só assim será possível que ele se lance às empresas impossíveis do desejo (Kupfer; Patto; Voltolini, 2023). Mas para isso é necessário que essas crianças tenham acesso às escolas, o que tem sido algo recente e com uma série de dificuldades desde a necessidade de compreender do que se trata o autismo e o sentimento de despreparo para recebê-los.

De acordo com Kupfer e Petri (2000) há uma necessidade de uma reformulação da escola para não se limitar a mudanças superficiais, e propõe uma revolução mais profunda que questione a própria razão de existir e seu conjunto de crenças político-ideológicas.

Nesse contexto, a psicanálise oferece contribuições significativas ao considerar esses sujeitos a partir de suas singularidades, abordando suas particularidades e formas de se apresentarem, assim, essa perspectiva busca ouvir e considerar as falas da criança e de sua família considerando suas identidades e vivências (Penteado; Ribeiro, 2020).

O trabalho foi desenvolvido numa abordagem qualitativa e em perspectiva exploratória, na qual a pesquisa qualitativa busca compreender os significados e sentidos atribuídos às experiências, considerando a subjetividade presente no processo investigativo (Silva; Oliveira; Neves, 2021). A pesquisa exploratória tem como objetivo compreender o

problema de forma mais próxima e flexível, envolvendo levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de exemplos (Gil, 2002).

A pesquisa de campo ocorreu em escolas públicas municipais do município de Garrafão do Norte – Pará, contando com a participação de quatro professoras da educação infantil. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas, posteriormente transcritas e analisadas. A escolha desse instrumento possibilitou maior flexibilidade e aprofundamento das experiências relatadas pelas participantes (Silva; Oliveira; Neves, 2021). Ressalta-se que, para garantir o anonimato e a ética na pesquisa, os nomes das professoras foram preservados, sendo substituídos por identificações alfabéticas (A, B, C e D).

Dessa forma, a interpretação dos dados foi realizada a partir do material obtido nas entrevistas, tendo como base as falas das participantes. A partir desse conjunto de dados, a análise foi organizada em três categorias analíticas: Categoria 1 – Percepções das professoras sobre o processo de inclusão de crianças autistas na educação infantil; Categoria 2 – Práticas das professoras no processo de inclusão de alunos autistas; e Categoria 3 – Desafios no processo de inclusão de crianças autistas. Nesse sentido, no próximo tópico, serão apresentadas as análises das entrevistas, a partir das categorias estabelecidas.

Considerando o exposto, o problema da pesquisa investigada partiu da seguinte questão: Quais as percepções dos professores sobre como tem sido a inclusão de crianças autistas no contexto do ensino regular? Trazendo como objetivo geral compreender como tem sido a inclusão de crianças autistas na educação infantil a partir da perspectiva dos professores, utilizando a ética psicanalítica como base para as discussões. E buscou alcançar os seguintes objetivos específicos:

a. Investigar a postura e as práticas dos professores no processo de inclusão dos alunos autistas na educação infantil;
b. Descrever a partir dos relatos dos professores os desafios no processo de inclusão das crianças autistas com idade entre 4 a 5 anos.

1 Percepções das professoras sobre o processo de inclusão de crianças autistas na educação infantil

A partir dos relatos, há uma preocupação com o aumento progressivo da entrada de crianças autistas na escola. Nesse sentido, aparece a necessidade de formação especializada como algo essencial para que os professores tenham mais capacidade de lidar com essas crianças.

Também se observa uma preocupação quanto à forma de trabalhar com a criança autista, principalmente em relação às suas individualidades. A inserção dessas crianças tem aumentado, o que exige um cuidado maior diante de suas especificidades, dialogando com Kupfer e Bastos (2010), ao apontarem que, embora a inclusão represente um avanço, não se trata de uma tarefa simples devido às singularidades de cada sujeito.

Além disso, percebe-se insegurança em relação à própria preparação, já que a formação inicial, em muitos casos, não contemplou questões específicas sobre o autismo. Dessa forma, surge a demanda de formação contínua para lidar com as demandas atuais. Isso pode ser observado no seguinte trecho:

> [...] na sala de aula, eu não me sinto preparada para recebê-las, mas a escola não pode excluí-las nem deixar de acolhê-las. No entanto, não me sinto preparada, até porque não tive a formação necessária para trabalhar com elas (Professora D, 2025).

Percebe-se também um esforço em evitar posturas preconceituosas, mas com dificuldade em utilizar termos mais adequados, o que pode estar relacionado à falta de formação voltada ao tema. De modo geral, os relatos evidenciam insegurança em trabalhar com crianças autistas devido à ausência de uma formação especializada. Além disso, evidencia-se a ideia de que existem formas prontas de trabalhar com essas crianças, mas, conforme Lima (2019), é necessário considerar que cada aluno possui um jeito próprio, sendo preciso conhecê-lo para construir estratégias.

Quanto ao papel da escola na inclusão, todas as professoras participantes reconhecem que a inclusão das crianças autistas não depende apenas do professor em sala de aula, mas de toda a comunidade escolar. Em suas falas, observa-se a compreensão de que gestores, coordenadores, funcionários e demais profissionais da escola possuem papel importante na construção de um ambiente acolhedor e inclusivo.

Essa compreensão também está presente nas discussões de Kupfer et al. (2023), ao falar da necessidade de um trabalho coletivo dentro da escola, em que toda a equipe escolar possui um papel importante na educação e socialização das crianças. Além disso, os autores discutem a importância de se falar sobre a criança com toda a escola, pois isso contribui não apenas para a construção de soluções coletivas de inclusão, mas também para que os próprios educadores e a instituição reflitam sobre suas práticas e formas de lidar com essas crianças.

No entanto, os relatos também apontam que esse processo ainda acontece de forma lenta, como demonstra a fala da Professora B (2025): "Então, está tudo engatinhando, mas, para que dia após dia, ano após ano, estejam um passo à frente, as adaptações estão sendo feitas aos poucos, porém ainda necessitam de melhorias com cursos, palestras [...]".

Além disso, aparecem dificuldades em relação ao suporte oferecido pela escola, como a falta de acompanhamento contínuo e de intervenções mais direcionadas, o que também é discutido por Kupfer e Petri (2000), ao apontarem que as leis de inclusão não vieram acompanhadas de medidas suficientes para sua efetivação.

Por outro lado, também há relatos que mostram a presença de apoio pedagógico, com estratégias específicas e discussões sobre o desenvolvimento dos alunos, como na fala: "Sim, recebo apoio da equipe pedagógica, que contribui com estratégias específicas e discussões sobre o desenvolvimento dos alunos, o que é fundamental para garantir uma inclusão efetiva" (Professora C, 2025). Logo, esse suporte é essencial no processo de inclusão, assim como afirma Kupfer (2010), ao destacar que inclusão ocorre de fato quando há espaço para diálogo entre todos da escola.

2 A postura e as práticas dos professores no processo de inclusão

Nos relatos, aparece a importância de adaptar o ensino às necessidades e características do aluno. Há uma preocupação em conhecer o aluno para ajustar as práticas pedagógicas, reconhecendo que cada criança possui um jeito próprio de aprender e se desenvolver.

Também se evidencia que o primeiro contato com o aluno autista costuma ser marcante e desafiador, despertando sentimentos como nervosismo, responsabilidade e até impacto emocional mais intenso. Em alguns relatos, essa experiência gerou insegurança e dificuldades iniciais, exigindo das professoras a busca por novos conhecimentos e estratégias para lidar com a situação.

Outro ponto recorrente é a dificuldade de conciliar as exigências da sala de aula com a necessidade de um ensino mais individualizado. As falas mostram limitações no cotidiano escolar, principalmente relacionadas ao número de alunos, à rotina intensa e às demandas da

escola, o que dificulta oferecer a atenção necessária para cada criança, especialmente o aluno autista. Esse desafio fica evidente no seguinte trecho:

> Não é fácil e nem possível conciliar todas as exigências que são feitas. [...] sabemos que a rotina em uma sala de aula, a rotina escolar, é corrida. Temos muitos projetos durante o ano e trabalhamos com uma demanda grande de alunos. São 18 crianças de três anos e uma criança autista sem cuidadora. Aí tudo isso se torna difícil, não tem como ter um aprendizado cem por cento, não tem como trabalhar e conseguir acompanhar cem por cento cada aluno. Eu fiz o máximo, a gente faz o máximo que dá, se esforça bastante, mas só quem trabalha sabe o quanto é difícil e não dá para estar cem por cento com o individual de cada criança (Professora B, 2025).

Nesse sentido, nas falas das professoras, aparece também uma sensação de insuficiência, como se, mesmo com esforço, não fosse possível atender todas as demandas e oferecer um ensino mais individualizado. Ao mesmo tempo, surge a compreensão de que esse aluno precisa de uma atenção diferenciada e de que o planejamento precisa ser mais flexível, com apoio de outros profissionais.

Também é mencionada a dificuldade de lidar com situações em que o aluno não interage com os colegas ou não demonstra interesse pelas atividades. Diante disso, as professoras relatam a necessidade de buscar outras estratégias, principalmente o uso do lúdico como forma de estimular a participação e o envolvimento do aluno, como mostra o trecho:

> A gente vai para a forma lúdica porque, já que ele não quer fazer a atividade na teoria, no caderno, a gente vai fazer a atividade no lúdico, brincando, para que ele interaja com a turma [...] no decorrer da aula, vão ter dias, no início principalmente, em que ele não vai querer contato com ninguém. Mas, com o passar dos dias, ele vai querendo se adaptar à turma e a turma a ele. Porque eu acredito assim, que dentro de 20 alunos, ele vai escolher um com quem tenha contato. Isso eu já percebi em sala de aula. (Professora A, 2025).

A partir disso, observa-se que a flexibilização das atividades aparece como uma estratégia importante para favorecer a participação do aluno, e que a interação acontece de forma gradual, respeitando o tempo da criança.

Além disso, aparece a importância do afeto, do respeito ao tempo do aluno e da busca constante por novas estratégias para promover sua participação, mesmo que ele não acompanhe totalmente o ritmo esperado. Em alguns relatos, também se evidencia a dificuldade em lidar com a falta de envolvimento do aluno nas atividades e na interação com os colegas:

> A gente percebe que, com ele, as atividades no caderno estão sendo muito difíceis. A gente não vê interesse dele pelas atividades, e vamos ter que usar outros meios para ver se ele interage com a turma, se ele socializa com as outras crianças e usar meios que chamem a atenção dele para ver se ele consegue ter um desenvolvimento junto com a turma (Professora D, 2025).

De modo geral, os relatos mostram um esforço em adaptar as práticas e buscar alternativas para incluir o aluno, mesmo diante das dificuldades do cotidiano escolar. Também aparece a compreensão de que cada aluno tem seu próprio tempo de aprendizagem, embora ainda exista, em alguns momentos, a expectativa de um avanço mais padronizado.

3 Desafios no processo de inclusão de crianças autistas

No que diz respeito aos desafios no processo de inclusão, evidenciam-se dificuldades relacionadas à adaptação do plano de aula para incluir o aluno autista, demonstrando uma preocupação em evitar que ele se sinta excluído. Ao mesmo tempo, observa-se que, muitas vezes, as atividades são pensadas priorizando as crianças que não possuem deficiências, e quando o aluno autista não acompanha ou não aceita a proposta, isso passa a ser visto como um problema. Assim, evidencia-se, em alguns momentos, uma expectativa de que esse aluno acompanhe o ritmo dos demais, sem que suas necessidades sejam totalmente consideradas.

Também se destacam dificuldades no processo de comunicação e na adaptação das práticas pedagógicas, além da ausência de apoio mais direto, como a falta de cuidadora, mesmo diante dessa necessidade. Nesse sentido, aparece a falta de suporte da escola, tanto na ausência de acompanhamento pedagógico quanto na falta de materiais didáticos adaptados, fazendo com que os próprios professores precisem buscar recursos por conta própria, o que contribui para a sobrecarga docente.

Além disso, surgem desafios específicos relacionados ao comportamento e às características do aluno autista, como a resistência a mudanças na rotina, as dificuldades de comunicação e a necessidade de uma atenção mais individualizada, como mostra o trecho: “Algumas dificuldades incluem a resistência a mudanças na rotina, desafios de comunicação e a necessidade de atenção individualizada” (Professora C, 2025).

Outro ponto que aparece é a dificuldade em lidar com as variações de comportamento e com a falta de interação social, o que impacta diretamente o cotidiano da sala de aula, como pode ser observado no seguinte relato:

> Então, a maior dificuldade é lidar com essas crianças, porque sei que cada uma tem seus próprios momentos e jeitos. Elas podem mudar de comportamento dependendo do ambiente em que estão. Em alguns momentos, estão mais calmas; em outros, mais agitadas. Como lidar e trabalhar com essas crianças, considerando que elas têm dificuldades para interagir e socializar? Percebo que ele prefere ficar no cantinho dele e não socializa com as outras crianças, o que dificulta muito o dia a dia. Por isso, é um desafio saber como agir em cada momento (Professora D, 2025).

Dessa forma, são apresentadas as dificuldades em lidar com essas variações e em pensar estratégias para favorecer a participação do aluno, mostrando que esse processo exige adaptações constantes no cotidiano escolar.

Conclusões

A pesquisa teve como objetivo compreender como tem sido a inclusão de crianças autistas na educação infantil a partir da perspectiva dos professores, utilizando a ética psicanalítica como base para as discussões.

Os resultados revelam que as professoras reconhecem a importância da inclusão escolar e demonstram compromisso com o processo. As participantes afirmam a necessidade de formação contínua e relatam insegurança diante da ausência de preparo específico na formação inicial. As docentes apontam que a escola precisa de melhor estrutura, maior suporte institucional e profissionais de apoio.

O estudo evidencia que o processo de inclusão apresenta avanços, mas ainda enfrenta desafios. As professoras relatam dificuldades na adaptação do plano de aula e na promoção de um ensino individualizado. Elas indicam ausência de materiais pedagógicos adaptados e de cuidadoras. As demandas cotidianas da sala de aula exigem reorganização pedagógica e maior flexibilidade. As características do autismo, como dificuldades na comunicação, resistência a mudanças e variações comportamentais, intensificam os desafios.

Diante desses relatos, assevera-se que a psicanálise contribui para a compreensão da singularidade da criança autista e amplia a análise das relações entre escola e criança. Isso porque, ao contrário de abordagens pautadas em generalizações e manuais, a ética psicanalítica considera que cada sujeito possui uma forma própria de se relacionar com o outro, com a linguagem e com a aprendizagem. Assim, a psicanálise permite compreender que não existe “o autista” de forma homogênea, mas crianças com histórias, interesses, dificuldades e modos de expressão singulares (Lima, 2019).

As dificuldades relatadas pelas professoras, como resistência à rotina, dificuldade de interação e necessidade de adaptações, expressam a singularidade de cada criança. A psicanálise permite compreender essas manifestações sem reduzi-las a limitações ou incapacidades. Kupfer (2010) afirma que a educação favorece o surgimento do sujeito por meio da linguagem e das relações sociais.

Kupfer e Petri (2000) afirmam que a inclusão não se limita ao acesso à escola. A inclusão exige participação, vínculos e reconhecimento da singularidade da criança.

Lima (2019) defende que a prática educativa não segue modelos prontos. A escola constrói estratégias de acordo com os interesses, o ritmo e as necessidades de cada aluno.

O estudo reconhece limitações quanto ao número de escolas participantes. Novas pesquisas ampliam a investigação em diferentes contextos educacionais e fortalecem as práticas pedagógicas inclusivas.

Referências Bibliográficas

ALVES, Márcia de proza de Cardoso; LISBOA, D. de O.; LISBOA, D. de O. **Autismo e inclusão escolar**. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. Laranjeiras-SE, 2010. Disponível em: em:< https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=ALVES%2C+M.M.C.%3B+LISBOA%2C+D.O.+Autismo+e+inclus%C3%A3o+escolar.+IV+Col%C3%B3quio++Internacional+Educa%C3%A7%C3%A3o+e+Contemporaneidade%2C+2010.&btnG=#d=gs_qabs&t=1706373273483&u=%23p%3DT4qMldnUIWUJ >. Acesso em: 24 jan. 2024.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 175.

KUPFER, M. C. M. **O Sujeito na psicanálise e na educação: bases para a educação terapêutica**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 35, n. 1, 2010. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9371. Acesso em: 30 jan. 2024.

KUPFER, Maria Cristina Machado; Patto, Maria Helena Souza; Voltolini, Rinaldo. **Práticas inclusivas em escolas transformadoras: Acolhendo o aluno sujeito**. 2. Ed. São Paulo: Escuta, 2023. 416 p.

KUPFER, Maria Cristina Machado; PETRI, Renata. **Por que ensinar a quem não aprende?** Estilos da Clínica, [s. l.], v. 5, p. 109-117, 2000. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/60918. Acesso em: 8 mar. 2024.

LIMA, Izabella Lorrayne Santana de. **A contribuição da ética da psicanálise para educação de alunos com autismo**. Orientador: Viviane Neves Legnani. 103 f. Dissertação de mestrado (Faculdade de educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/36191. Acesso em: 8 mar. 2024

PENTEADO, Juliana Dias de Castro de Salles; RIBEIRO, Marilda Pierro de Oliveira. **Práticas escolares inclusivas e criança-aluno autista: uma visão psicanalítica. Psicologia e educação**, São Paulo, v. 3, p. 9-11, 2020. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Pr%C3%A1ticas+escolares+inclusivas+e+crian%C3%A7a-aluno+autista%3A+uma+vis%C3%A3o++psicanal%C3%ADtica&btnG=#d=gs_qabs&t=1706472564156&u=%23p%3DQ5ZlhpkZPWQJ. Acesso em: 25 jan. 2024.

SILVA, Adalberto Farias Da. **A inclusão escolar de crianças autistas: Uma visão da psicanálise**. Orientador: Geraldo Antônio Fiamenghi Júnior. 2023. 30 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Psicologia) - FAAT FACULDADES, Atibaia, 2017. Disponível em: <https://186.251.225.226:8080/bitstream/handle/123456789/59/Silva%2C%20Adalberto%20Farias%20da%202017.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 24 jan. 2024.

SILVA, Lorrane Stéfane; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; NEVES, Eliana Helena Corrêa. **Entrevista na pesquisa em educação de abordagem qualitativa: algumas considerações teóricas e práticas**. Revista Prisma, v. 2, n. 1, p. 110-112, 2021.